



Com poderes centralizadores, os líderes, quando estão reunidos, decidem por todas as bancadas

Lideranças controlam poder no Legislativo

Quase três anos após a promulgação da Constituição que deu às comissões técnicas da Câmara dos Deputados poder de aprovar definitivamente até projetos de lei, quem continua mandando no Legislativo são os líderes dos partidos. Eles decidem quem vai ocupar os cargos em toda a máquina burocrática, dominam um plenário desinformado, invertem a pauta de votações, tiram matérias da ordem-do-dia e, muitas vezes, mudam as decisões de uma comissão, votadas poucas horas antes. Para exercerem esse poder, os líderes têm à sua disposição uma poderosa infra-estrutura, com a qual nem podem sonhar as comissões técnicas que a Constituição fortaleceu, no papel.

As lideranças de partidos maiores, como as do PMDB e do PFL, contam com 64 cargos em comissão — ou seja, assessores contratados fora do quadro permanente da Câmara —, amplas salas, uma passagem aérea a mais para o líder (cada parlamentar tem quatro passagens de ida e volta para seu Estado) e muito poder. Cada uma das 13 comissões tem apenas um cargo em comissão e oito funcionários do quadro efetivo, número menor do que o dos assessores do minúsculo PST, que conta com 13 servidores para cinco deputados.

Precariedade

Até a burocracia tem mais poder de influenciar dentro do Legislativo do que as comissões. A Diretoria-Geral e a Secretaria-Geral da Mesa Diretora, por exemplo, dispõem juntas de 54 cargos de Direção de Assessoramento Superior (DAS), 20 a mais do que o total de todas as comissões reunidas.

“Desenvolvemos nosso trabalho dentro da maior precariedade”, afirma o presidente da Comissão de Constituição e Justiça e de Redação da Câmara, deputado João Natal (PMDB-GO). “As comissões estão, efetivamente, nas nossas mãos. Cabe ao líder apontar e afastar o presidente e o relator de uma comissão, assim como os membros titulares e suplentes”, admite o líder do PTB, deputado Gastone Righi (SP). Righi lembrou que até os parlamentares que integram a Mesa são indicados pelas lideranças.

A situação de penúria das comissões é tão grande que os presidentes de todas elas reuniram-se no início da semana com o presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), e exigiram maior autonomia. Ibsen incumbiu o presidente da Comissão de Finanças e Tributação, Benito Gama (PFL-BA), de fazer um projeto que muda a situação das comissões. “A inten-

ção é ganhar um mínimo de autonomia. Hoje não podemos nem pagar a passagem aérea e o hotel de alguém que é convidado pela comissão. Já tive que pagar as despesas de meu próprio bolso”, disse Benito Gama.

Guilhotina

Com a força dos líderes, o plenário às vezes transforma-se apenas em poder homologador do que as lideranças decidem. A deputada Roseana Sarney (PFL-MA), que é titular da Comissão de Economia, até hoje não entende como decisões tomadas pela manhã na comissão são mudadas à tarde pelos líderes. O deputado João Mellão Neto (PL-SP) concluiu, depois de cinco meses de trabalho, que no plenário a maioria é desinformada e que ali é, mais do que uma sala de sessões, uma “sala de espetáculos”.

Sem estrutura e especialistas suficientes, os trabalhos vão se acumulando nas comissões. Só a de Constituição e Justiça, por exemplo, tem em pauta mais de três mil projetos de lei para apreciar. E a cada dia entram mais e mais projetos. Para João Natal, o sufoco só vai acabar quando for efetivada a comissão já conhecida como “da guilhotina”.